tudo em
VOCÊ,
tudo em
MIM

ANE FORCATO

tudo em VOCÊ, tudo em MIM

partners coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024
Copyright © Ane Forcato, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

REVISÃO
Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Forcato, Ane
Tudo em mim, tudo em você / Ane Forcato – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-96-0

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira 2. Romance I. Título

Grupo Editorial coerência | partners coerência

Rua Coronel Osório, 92 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12902-270
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.1292-1001

Para Giovanna, designer dos retratos de Ken que Tokio desenha durante a história, compondo minha galeria de inspirações. Agradeço pelas artes de divulgação.

Para Marina, que ficou tão chocada com a morte de Ken na trilogia Tokio! que eu não consegui mais viver com essa culpa e dei um jeito de ele reaparecer em um livro solo! Vamos ver se dessa vez ele consegue sobreviver? E agradeço pela sua contribuição como leitora beta.

Sou grata a Deus por ter me feito uma garota cheia de ideias incríveis!

"How soon is now?"

The Smiths, 1984; aparece nos títulos de todos os capítulos.

PRÓLOGO

Nos ideogramas simétricos por fora da aliança de ouro rosa vem escrito: "TUDO EM VOCÊ, TUDO EM MIM". E por dentro o nome dele, que ficará em contato com sua pele. É uma joia tão única que ela sente euforia e puxa o ar para os pulmões pela boca. É como o sonho que se torna realidade, e em seguida se torna pesadelo. Sonho. Realidade. E pesadelo.

Trêmula, coloca a aliança no dedo e se sente amaldiçoada.

1

De uma timidez que é criminosa, tão vulgar...

E eu nem gosto de poesia, mas de vez em quando é esse tabefe nas fuças, porque poeta que é poeta às vezes acerta tanto que dói. Meu nome é Tokio. Não a cidade. Sou uma garota de dezessete anos, onze meses e vinte e dois dias. Eu sei, é meio bobo esse negócio de contagem regressiva para a maioridade. Sou tão tranquila que minha vida lhe daria sono. Ah, mas isso é bom. Quem não gostaria de dormir em meio a tanto barulho? Dessa forma, sou altamente desejável. Pegue sua senha, entre na fila.

Alerta: contém ironia.

Longe de casa eu não fiz loucuras. Descobri que sou assim, e, mesmo com a chance de ter sido outra pessoa e feito tudo diferente, acabei sendo só eu mesma. Vai ver é porque eu sou bem resolvida e muito plena.

Alerta de ironia, de novo.

Estou ouvindo minha música favorita da vida. O poeta me traduz. Tipo, não é como se o Morrissey me conhecesse, lá dos anos 1980! É só que, cara, eu canto junto, sentindo cada frase doer e vibrar tantas décadas depois. Sei que isso tira de mim o peso de ser diferente. Se existe até música

pra nós, é porque somos muitos. É triste. Quando se é como eu, o único desejo é ser qualquer coisa, menos isto.

Se eu mudasse, seria como uma espécie de compensação pelo fato de estar perdendo tanta coisa. E o que de tanta coisa está perdendo, garota? Sei lá, mas dar uns beijos na boca teria sido tão bom... Havia muito gatinho no colégio, nem acredito que não beijei ninguém.

E ele canta "Daí você vai e fica sozinho, sai sozinho, vai pra casa sozinho e você chora e quer morrer". Ah, Morrissey!!

Era o sonho dos meus pais que eu estudasse aqui, em Chiba. Eles me contagiaram, e quando eu disse que sim também já era o meu sonho; não me arrependo, mesmo a realidade não contendo meus castelos. Longe disso. Vai ver os castelos até existem, e eu sendo eu mesma trancada e plena aqui no quarto.

Acho que amadureci de um ano para cá e estou pronta pra maioridade. A coisa infantil que faço e quase ninguém sabe é escrever memórias. É o sétimo caderno. A mãe me pediu. Ela quer sentir que não perdeu muita coisa quando eu voltar. Só que não tem muito a se ver por aqui, sou tão tímida que nem eu me aguento. Ela vai dormir na segunda página, porque nada acontece!

De onde vem essa personalidade não herdada dos meus pais aventureiros? Tenho medo de fazer qualquer coisa errada. Como estrangeira no Japão, preciso ser irrepreensível. Mas não é isso. Em São Paulo eu fui a criança mais comportada da face da terra e isso fazia meus pais irem se divertir com meu irmão e os "meninos da casa ao lado".

Não vou falar assim deles. Eu os amo como se fossem meus primos. Helmut Ichiro, Wilhelm Eiji Jr., Joaquim Seiji e Heinz Kenji. Com meu irmão são cinco, e todos assumiram o segundo nome, enquanto eu só tenho um, logo não tenho escolha. Eles me chamam se Tokio S. A. — não é sociedade anônima, é Sem Alternativa. Mas se eu continuar com isso vai ficar ainda mais confuso do que os Cem anos de solidão. *E de solidão basta a minha. Eles sempre aprontando, e eu na torre, esperando pelo príncipe. Não tenho vergonha de ser princesa. Não vou mudar. Desculpe.*

Ou não desculpe. Não tenho que me desculpar até aqui, caramba! Nem eles sabem o quanto eu sou uma Tokio S. A.

A garota fecha o caderno de capa preta. Passa os dedos pela inscrição prateada: *Death note*. Adora esse clássico. Sempre que o assiste, fica com vontade de comer doce. Proficiente em português, inglês e japonês, quando as escritas preenchem o caderno ela o fecha e parte para o próximo. Tem orgulho de sua caligrafia. Como hoje pouco se escreve, ressurgiram os escribas de profissão. Ela vem se preparando seriamente e já tem agendado um teste de admissão para quando chegar em casa. Antes de desfazer as malas, pode já ter ingressado em uma agência paulistana relevante. Escribas não ficam desempregados; quanto mais o ato de escrever desaparece, mais valor tem um documento feito a mão por um calígrafo.

Eu não disse? Altamente desejável. Sem ironia.

Apagando a luz da cabeceira, ela se ajeita na cama baixa, a mente viajando com The Smiths. Tem sorte de ter morado no Japão para a especialização. Poucos escribas da América podem investir em aula presencial na Ásia.

Seus pais de intercâmbio às vezes a incentivam a pegar mais leve consigo mesma, temem que ela se preocupe demais com tudo. Ansiosa e sem sono, Tokio pensa na surpresa do dia seguinte. Sabe que será alguma coisa grande.

— Um evento para você não se esquecer de mim — Saori disse antes de sair para o plantão.

— Como se fosse possível te esquecer! — Tokio rebateu. — Fui sua filha por três anos, dona Sao.

Tem um bom crédito guardado, já que no dia a dia regrado de compromissos tem poucas oportunidades para gastar à toa e seus pais não economizam nas remessas de fundos, preocupados até se ela está se alimentando.

Se eu comesse no ritmo em que me enviam crédito, já teria me tornado um hipopótamo!

Sem Minoru, as duas terão um *dia fútil só de garotas*, Saori declarou, e Tokio está com a cabeça a mil, imaginando as futilidades. Ela admira a garra de Minoru, a conquistar um novo diploma depois de diversas especializações na área da saúde. Como o dedicado doutorando que é, ele aproveitará o dia sem elas para *entrar* na Fonte da Prefeitura e se dedicar à sua tese em arquitetura. É uma formação inusitada para esse enfermeiro nerd e quarentão que fala sobre paredes e instalações com a precisão de tecidos sangrentos e artérias. Ele vê tudo como organismos vivos que devem ter funcionamento orgânico e lógico.

Quando pensa em *entrar*, Tokio abre os olhos e encara o teto do quarto diminuto. Após o término do ensino médio e com dezoito anos completos os adolescentes podem entrar. Danos cerebrais irreversíveis em crianças ensinou o mundo da pior forma, e bem por isso as regras são inflexíveis. Menores de dezoito e sem formação básica completa não entram. É a lei. Debaixo desse tapete foi empurrada a podridão que ficou no passado. Crianças foram abusadas, outras vegetativas alcançaram o "benefício" da eutanásia. Qual o limite da mente quando o corpo está a salvo? Incontáveis suicídios demonstraram que, não, a criança não está pronta para os jogos perigosos dos adultos.

É sua *coisa inacabada*. Tokio imagina como seria *entrar* no multiverso japonês. A plenitude em todos os sentidos. Quem não quer isso para a vida? E se o Japão foi sempre além quando se fala em tecnologia de vanguarda, hoje tornou-se inalcançável. E por questão de dias ela irá perder a oportunidade. Quando completar dezoito, já estará em São Paulo.

Sozinha no pequeno apartamento, enquanto Saori e Minoru estão no plantão do hospital universitário de Chiba, Tokio é embalada pela música e se sente em casa, pois a voz de Morrissey sempre a transporta para um lugar que ela chama de lar, dentro de si mesma. E

esse seu lugar é onde ela vive a maior parte do tempo. Não se importa de nunca estar no mundo real ou no tempo presente.

Ela guarda um segredo que todos pensam que conhecem. O segredo em si é a dimensão que ele tem dentro dela, e disso ninguém sabe, e ela não escreve a respeito. É como se fosse um multiverso só seu. Nunca confessaria, mas se sente superior aos colegas extrovertidos, como se o seu íntimo grandioso não pudesse existir em alguém alegre de impulsos rasos. E, se alguém conhecer o seu íntimo bem o suficiente, talvez se sentirá obrigado a medicar. Não! Por isso o segredo. É parte querida dela, e inegociável.

— *Com poder hipnótico e bélico a serpente Suyen atacou Chiba. Era um perigoso monstro cuja peçonha era fatal.* — Inquieta, Tokio apanha o livro infantil que seu pai escreveu à mão em japonês antes de ela nascer e o abre na penumbra. É o seu livro, que a fez se apaixonar pelos ideogramas, ilustrado com fotos reais que ele retocou para dar ares grotescos. Conhece seu texto desde a infância e recita antes de dormir, quando não consegue pegar no sono. A cadência funciona como contar carneirinhos. — *Os cavaleiros Ken e Suiroshi precisavam impedir que o monstro sequestrasse a rainha Emi, grávida da criança real.* — E a parte favorita: — *Aprisionado em uma obscura dimensão, por ser imortal o cavaleiro Ken se viu como prisioneiro eterno. Vivo, a desejar a morte. Aprisionado, a desejar a liberdade.*

Tokio o coloca sobre a pilha de livros ao lado da cama. É só seu, nunca foi publicado. Ela é a criança que naquelas páginas vive na barriga da rainha. Então ela está e não está na história, ao mesmo tempo. Quando escreveu, o pai nem sabia se ela seria menina ou menino.

Antes de dormir, um último pensamento para o prisioneiro eterno. O segredo é este: o tamanho que Ken Hayashi de Chiba tem dentro dela. A cidade em que ela mora hoje é onde ele viveu. Ela vai aos lugares aonde ele ia. Ela passa diante do apartamento onde ele morou. O imortal e belo Ken.